

Aprendizagem musical de coro adulto em ambiente *on-line* nos aspectos da autorregulação da motivação

GTE 11 – Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

Comunicação

Sandra Regina Cielavin
Universidade Estadual de Campinas UNICAMP
cielavsandra@gmail.com

Resumo: Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa em andamento e tem o intuito de trazer algumas reflexões sobre os aspectos que envolvem a aprendizagem musical e a autorregulação da motivação dos cantores de coros adultos não profissionais, sobretudo em ambientes de aprendizagem *on-line*. Em sua totalidade, a pesquisa tem o objetivo de investigar como um ambiente de aprendizagem *on-line* aplicado ao canto coral não profissional poderia ser utilizado sob o ponto de vista da autorregulação da aprendizagem considerando os aspectos que envolvem a cognição, a metacognição, as emoções e a motivação dos cantores. Será desenvolvido um estudo de métodos mistos a partir de um delineamento quase-experimental em um ambiente de aprendizagem *on-line* a uma população de coristas adultos não profissionais. Como resultado, espera-se que a pesquisa contribua com o canto coral, com a formação e a formação continuada de regentes corais e com os estudos sobre autorregulação da aprendizagem do ponto de vista cognitivo, metacognitivo, motivacional e emocional, principalmente na utilização de ambientes de aprendizagem *on-line* aplicados à Educação Musical.

Palavras-chave: Autorregulação da aprendizagem. Motivação. Canto coral.

A prática coral e o ambiente *on-line*

A pandemia da *Coronavirus disease* (Covid-19) que trouxe as questões de isolamento social e que tem sido vivenciada no Brasil desde março de 2020, tem afetado os mais diferentes tipos de grupos musicais, incluindo os coros não profissionais que são desenvolvidos em escolas, igrejas, associações, empresas, entre outros. Nesse contexto, a utilização de tecnologias e de plataformas digitais tem sido o caminho trilhado por grande parte dos regentes e dos coros no intuito de manter os grupos em atividades de ensaios e apresentações. Este trabalho considera os aspectos tecnológicos que tornaram possível a manutenção dos coros durante a pandemia, as lacunas de estudos existentes, bem como a continuidade da pesquisa desenvolvida no mestrado como indicam Cielavin e Mendes (2020)

no qual foi realizado o levantamento e a aplicação de tecnologias digitais musicais em um coro adulto.

Mesmo após o retorno das atividades presenciais de ensaios e de apresentações dos coros, os ambientes *on-line* poderão ser utilizados como plataformas de comunicação e de ensino híbrido durante a semana, oferecendo uma possibilidade de aprimoramento musical aos integrantes dos coros. Sobre o ensino híbrido entende-se que “é um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino *on-line*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial na escola” (BACICH; NETO; DE MELLO TREVISANI, 2015, p. 52). Ainda que grande parte dos coros não profissionais não esteja vinculado ao ensino formal, o princípio poderia ser aplicado em relação aos ensaios e apresentações presenciais e às atividades de estudo *on-line* que poderiam proporcionar o desenvolvimento das habilidades musicais dos cantores. O ambiente *on-line* pode incluir a utilização de vídeos e de programas musicais, tais como: editor de áudio e de partituras, entre outros recursos.

Esta pesquisa em andamento tem o objetivo de investigar como um ambiente de aprendizagem *on-line* aplicado ao canto coral não profissional poderia ser utilizado sob o ponto de vista da autorregulação da aprendizagem considerando os aspectos que envolvem a cognição, a metacognição, as emoções e a motivação dos cantores. As dimensões da autorregulação da aprendizagem que envolvem os fatores motivacionais, ambientais e sociais, compreendem alguns questionamentos, tais como: por qual motivo os estudantes decidem participar de uma atividade? Como os estudantes elaboram seu planejamento, utilizam estratégias e fazem o gerenciamento de seu tempo? De que maneira monitoram os resultados obtidos em suas *performances*? De que forma estruturam seu ambiente de estudo? Os estudantes buscam ajuda de colegas ou tutores? (ZIMMERMAN; RISEMBERG, 1997).

Em sua totalidade, o estudo parte dos pressupostos teóricos da Teoria Social Cognitiva (BANDURA, 1978) e busca considerar o processo de aprendizagem a partir do conceito de autorregulação da aprendizagem (ZIMMERMAN, 2000). A autorregulação diz respeito às “formas como os estudantes sistematicamente ativam e sustentam suas cognições, motivações, comportamentos e emoções para a realização de seus objetivos” (SCHUNK; GREENE, 2018, p. 1). A elaboração do ambiente *on-line* de aprendizagem levará em conta a Teoria do Processamento da Informação que supõe a criação de representações

mentais na mente humana por meio de processos cognitivos e indica a importância da atenção nas informações relevantes que devem ser aprendidas considerando a organização do assunto a ser estudado, bem como a integração com os conhecimentos prévios dos estudantes. Além disso, considera os aspectos relacionados à memória sensorial, memória de trabalho e memória de longo prazo (MAYER, 2012).

Em relação aos procedimentos metodológicos, será desenvolvido um estudo de métodos mistos que segundo Creswell (2010) engloba abordagens qualitativas e quantitativas. O estudo será realizado a partir de um delineamento quase-experimental em um ambiente de aprendizagem *on-line* com uma população de coristas adultos não profissionais e prevê a aplicação de pré-teste, pós-teste e o registro das atividades dos coristas (CAMPBELL; STANLEY, 1979). Os instrumentos de teste e de registros que medirão os resultados irão considerar as dimensões cognitivas, metacognitivas, emocionais e motivacionais dos cantores. Como resultado, espera-se que a pesquisa contribua com o canto coral, com a formação e a formação continuada de regentes corais e com os estudos sobre autorregulação da aprendizagem do ponto de vista cognitivo, metacognitivo, motivacional e emocional, sobretudo na utilização de ambientes de aprendizagem *on-line* aplicados à Educação Musical.

Esta comunicação especificamente, propõe um recorte da pesquisa em andamento e tem o intuito de trazer algumas reflexões sobre os aspectos que envolvem a aprendizagem musical, a autorregulação da aprendizagem e da motivação de cantores de coros adultos não profissionais, sobretudo na utilização de ambientes de aprendizagem *on-line*.

A atividade do canto coral pode fomentar a aquisição de diferentes competências musicais nos quais estão envolvidos os aspectos de apreciação, criação e execução (SWANWICK, 1979). A aprendizagem por meio de vivências musicais pode proporcionar ao indivíduo o contato com novos conhecimentos, bem como a incorporação de novas referências. No entanto, para que os conhecimentos sejam assimilados a aprendizagem precisa ser significativa para o cantor. Ocorre que o indivíduo adulto é composto por uma rede complexa que vai desde sua constituição física até o ambiente familiar e cultural em que foi criado e, portanto, o que é natural ou significativo para um indivíduo pode não ser para outro.

O canto coral e os aspectos motivacionais da aprendizagem musical

Em coros não profissionais, geralmente os cantores participam das atividades como voluntários, ou seja, assumem um compromisso de forma espontânea. Porém, nem sempre o ato voluntário pressupõe o comprometimento ou mesmo uma motivação inabalável na realização da atividade. Segundo o psicólogo Maslow (1943) existe uma série de fatores que estão ligados ao conjunto de necessidades básicas, de segurança, de pertencimento, de estima e de autorrealização que o ser humano possui e que podem influenciar a motivação dos indivíduos. O canto coral poderia contribuir para fomentar a motivação dos coristas nos aspectos em que proporciona a possibilidade de relacionamentos de amizade entre os indivíduos, bem como no sentimento de realização da atividade.

Sobre as atividades virtuais, um fator a ser levado em conta está relacionado às dificuldades que o cantor poderia enfrentar em relação ao manuseio de programas ou equipamentos, fato que poderia eventualmente desmotivá-lo. Na proposta de um sistema híbrido de ensino, o cantor teria algumas tarefas a serem realizadas durante a semana no ambiente *on-line*. Todavia, fatores tais como a procrastinação, o desinteresse pela atividade, a indiferença e a apatia podem impedi-lo de executar as tarefas, caso não haja um planejamento prévio, bem como a motivação necessária para realizar a atividade (BZUNECK, 2018). Além disso, o cantor não profissional pode apresentar algum nível de ansiedade ao ter que fazer o envio da gravação de sua voz ao regente, por exemplo, por pensar que a tarefa não está boa o suficiente ou até mesmo por vergonha. Esse fato poderia desestimulá-lo a participar das atividades. Por isso, nem sempre o cantor estará disposto ou motivado a ter uma determinada rotina de estudos musicais para além das práticas de ensaios.

No entanto, alguns indivíduos, mesmo envolvidos em diferentes tipos de dificuldades podem apresentar um elevado nível motivacional para prosseguir na realização de seus objetivos. Deci e Ryan (2008) construíram a Teoria da Autodeterminação (TAD) que se constitui em dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca e alguns tipos de motivações extrínsecas são denominadas como autônomas, visto que fazem parte do indivíduo, ou seja, são internas. A autonomia indica que o indivíduo demonstra vontade de realizar uma atividade, bem como atribui valor a mesma. Por outro lado, a motivação controlada supõe algum tipo de influência ou controle externo, tais como: recompensa ou punição. Pode ter sua origem na necessidade de aprovação, de

fortalecimento da autoestima, de evitar situações constrangedoras ou de não se sentir culpado. Quando não existe nenhuma vontade ou algum tipo de intenção de realizar uma tarefa, o indivíduo está no nível de desmotivação (DECI; RYAN, 2008).

Panadero (2017) apresenta seis diferentes modelos que conceituam a autorregulação e suas relações com os aspectos de motivação, cognição, emoção, entre outros. A motivação é enfatizada nos modelos de Zimmerman (2000), Pintrich (2000) e Boekaerts (1988). Segundo estes três autores, todo estudante tem a capacidade de regular sua motivação e seu comportamento. Wolters (2003, p. 190) afirma que o “termo motivação é utilizado amplamente para se referir ao nível de motivação dos estudantes, bem como aos processos que são responsáveis por esses níveis de motivação”. A motivação é um aspecto essencial no desenvolvimento dos estudantes/cantores, entretanto não é algo que ocorre da mesma forma para todos. A motivação envolve diversos aspectos, dentre os quais estão as crenças de autoeficácia do indivíduo, a definição de metas, expectativas, entre outros (RYAN; DECI, 2017).

A autoeficácia é um conceito definido por Bandura (1986) e diz respeito a como os indivíduos julgam suas próprias capacidades para organizar e executar determinadas tarefas para alcançarem os objetivos almejados. Se o cantor tem autoeficácia reduzida para desempenhar uma determinada atividade musical ou mesmo tecnológica, possivelmente não se sentirá motivado a realizá-la. “Pessoas com baixa autoeficácia podem acreditar que as coisas são mais difíceis do que realmente são, uma crença que fomenta o estresse, a depressão e conduz a uma visão limitada sobre a melhor forma de resolver um problema” (PAJARES, 1996, p. 544-545).

Considerando esse fator, é importante que o regente não tenha a atitude de rotular o cantor porque ele comete erros ou demonstra mais dificuldade ou lentidão para aprender do que os outros integrantes do coro. É fato que todo aquele que se propõe a desenvolver determinada atividade está sujeito a cometer erros. O regente não deve ignorar os erros dos cantores, mas também não deve supervalorizá-los. Deve haver uma análise cuidadosa do histórico do cantor, das condições que lhe são oferecidas, do planejamento, dos procedimentos, da linguagem e interações adotadas pelo regente com o objetivo de que o cantor aprenda o máximo possível.

Um dos aspectos que influenciam a aprendizagem é a interação regente-cantor. Figueiredo (1990, p. 19) indica que o regente precisa atuar como “agente de um processo

educacional” e deve proporcionar estratégias que permitam a aprendizagem de maneira gradual. Kramarski (2018) e White e Bembenutty (2014) sugerem que o educador é aquele que intermedia as situações de ensino, bem como propicia experiências que contribuem para a autorregulação da aprendizagem. Na construção da aprendizagem musical, o planejamento das atividades é essencial para que a aprendizagem ocorra, assim como é importante valorizar as experiências individuais de cada cantor como forma de motivá-los na realização das tarefas. Carmo (2012, p. 95) indica que “é preciso gerar condições para que o aluno possa aprender. E, mais que isso, gerar condições para que o estudante engaje efetivamente nas atividades educacionais propostas”.

Um coro não profissional pode contar com integrantes extremamente engajados, comprometidos com os ensaios, estudos musicais e apresentações, bem como com aqueles que frequentam as atividades com menos constância e com menor nível de comprometimento. Os indivíduos participam de atividades corais por diferentes razões, dentre as quais estão o fazer musical e o contato com outras pessoas para sentirem-se parte de um grupo (DIAS, 2012). O coro é um ambiente muito propício ao desenvolvimento de diferentes competências musicais e os fatores que envolvem a autoeficácia e os níveis motivacionais dos cantores podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem musical. Schunk e Mullen (2012, p. 220) sugerem que “estudantes auto eficazes são motivados e engajados na aprendizagem, o que promove sua capacidade como alunos”. Além disso, a

autoeficácia ajuda a manter os alunos motivados e engajados nas atividades de aprendizagem. Estudantes que se sentem eficientes em sua aprendizagem, mas percebem que seu progresso é inadequado fazem ajustes para melhorar sua aprendizagem (por exemplo, mudando de estratégia, buscando ajuda e melhorando o ambiente). Estas modificações ajudam a promover o envolvimento na aprendizagem (SCHUNK; MULLEN, 2012, p. 225).

A autoeficácia é um dos aspectos fundamentais nas relações de ensino e aprendizagem dos indivíduos, porém, não é o único fator a ser considerado. No que diz respeito à autorregulação da aprendizagem Zimmerman (2000) estabeleceu um modelo de fases cíclicas que incluem a antecipação, a execução e a autorreflexão. A fase de antecipação supõe o estabelecimento de metas e estratégias para alcançar um determinado objetivo e

destaca questões relacionadas à autoeficácia, à expectativa de resultados e à motivação intrínseca. A fase de execução ocorre durante o processo de aprendizagem e considera a autoinstrução, o foco da atenção, a utilização de estratégias, entre outros. Na fase de autorreflexão, os estudantes fazem uma autoavaliação de todo o caminho percorrido na aprendizagem por meio do autojulgamento e da autorreação. Essas etapas podem ser utilizadas para autorregular a aprendizagem de estudantes nas mais diversas áreas do conhecimento, incluindo o canto coral.

Em relação à autorregulação da motivação, Pintrich (2004, p. 395) afirma que “da mesma maneira que os aprendizes podem regular suas cognições, eles podem regular suas motivações e emoções”. O autor sugere que as estratégias que podem regular a motivação compreendem o controle da autoeficácia, o aumento da motivação extrínseca quando o estudante realiza uma atividade prazerosa, o aumento da motivação intrínseca quando o aprendiz realiza uma tarefa de forma mais interessante, como por exemplo, transformar uma determinada tarefa em um jogo (PINTRICH, 2004). Um outro fator que poderia contribuir com a autorregulação da motivação está relacionado ao valor ou ao significado atribuído a uma determinada tarefa.

Wolters (1998) demonstrou que estudantes universitários valorizavam uma determinada tarefa quando conseguiam relacioná-la às suas experiências prévias ou com suas futuras carreiras. Bzuneck e Boruchovitch (2020) apresentam um resumo de estratégias que têm sido utilizadas com o objetivo de autorregular a motivação, dentre as quais estão “recuperar a autoeficácia pela evocação de sucessos passados, estabelecer metas próximas, propor-se metas de realização tanto a de domínio como, eventualmente a, de *performance*-aproximação e, por fim, estruturação do ambiente físico ou social” (BZUNECK; BORUCHOVITCH, 2020, p. 32).

Uma atitude de proativa é fundamental para que os estudantes/cantores atinjam os objetivos estabelecidos. Schunk (2012, p. 114) aponta que na perspectiva da Teoria Social Cognitiva, os “estudantes são proativos e buscam formas de melhorar suas habilidades. Isso os auxilia a criar um senso de agência, na qual eles exercem o controle sobre suas aprendizagens”. Em relação à agência humana, Bandura (2001) elenca os elementos de intencionalidade, antecipação, auto-reação e autorreflexão. Nesse aspecto, o regente coral deve promover a autonomia dos cantores e deve esperar sempre o melhor de cada um deles. “Estudantes proativos são motivados por altos níveis de crenças de autoeficácia,

expectativa de resultados, metas de aprendizagem e/ou interesse na tarefa” (ZIMMERMAN, 2013 p. 143).

Considerando os conceitos apresentados neste artigo, no delineamento do ambiente *on-line* serão propostas atividades que englobem as fases cíclicas do modelo de Zimmerman (2000). Na fase de antecipação serão propostas algumas tarefas que auxiliem o corista no estabelecimento de metas, planejamento das atividades e gerenciamento do tempo. Ensinar o cantor a estudar é uma atitude que poderá beneficiá-lo no presente e no futuro. Na fase de execução, serão indicadas no ambiente *on-line* algumas atividades que proporcionem a apreciação musical, o estudo do repertório, a gravação de canções e a construção de tarefas coletivas. A fase de autorreflexão irá propor uma autoavaliação ao corista de forma que este pondere sobre o seu envolvimento e seu desenvolvimento na realização das atividades propostas no ambiente-online.

Na elaboração do ambiente on-line, o regente terá o papel de conscientizar o corista sobre a necessidade do estabelecimento de metas, do monitoramento dos estudos e da autorreflexão das atividades. Como a atividade coral é principalmente realizada em grupo, os cantores poderão compartilhar suas dificuldades com os integrantes, bem como pedir e oferecer auxílio em diferentes situações de aprendizagem. “A agência coletiva refere-se ao compartilhamento de crenças sobre o que os indivíduos são capazes de realizar como um grupo. Assim como acontece com os indivíduos, os grupos também afetam e são afetados por suas ações e ambientes” (SCHUNK, 2012, p. 104).

Considerações finais

Este trabalho que é um recorte de uma pesquisa em andamento que tem o objetivo de investigar um ambiente de aprendizagem *on-line* do ponto de vista dos conceitos da autorregulação da aprendizagem, buscou considerar alguns fatores que envolvem os aspectos da aprendizagem musical e da autorregulação da motivação dos cantores que atuam em coros não profissionais, bem como as situações que envolvem as atividades desenvolvidas. O papel do regente como incentivador e mediador das situações de ensino e aprendizagem é essencial para fomentar a autorregulação da motivação de seus cantores. Na fase de antecipação, o regente poderá ajudar os cantores no estabelecimento de metas e no aumento da autoeficácia dos mesmos. Ao pensar sobre o processo de aprendizagem que

ocorrerá na fase de execução, o regente poderá escolher quais seriam as estratégias que facilitariam o desenvolvimento das habilidades musicais dos coristas.

A fase de autorreflexão no modelo cíclico de Zimmerman (2000) é imprescindível tanto aos cantores como ao regente. No caso do regente, a autorreflexão poderia vir acompanhada da autoavaliação e da avaliação geral do processo de aprendizagem do grupo por meio do ambiente *on-line*. Por meio da avaliação o regente poderá detectar as dificuldades e as facilidades encontradas pelos cantores, bem como refinar o planejamento das atividades de ensino. O processo avaliativo também pode servir como um *feedback* do que está funcionando e do que deve ser alterado. Enfim a autoavaliação é algo que deve existir após cada ciclo de atividades implementadas. Ao considerar diferentes aspectos avaliativos apresentados pelos integrantes, o regente poderá desenvolver ações que aumentem as crenças de autoeficácia dos cantores, bem como do grupo, elaborar metas de realização, proporcionar atividades que sejam prazerosas ao coro e demonstrar o valor das atividades no intuito de aquisição de competências musicais que irão contribuir com o desenvolvimento de cada indivíduo e do coro.

Referências

- BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.
- BANDURA, Albert. Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual review of psychology*, v. 52, n. 1, p. 1-26, 2001.
- BANDURA, Albert. The self system in reciprocal determinism. *American Psychologist*, v. 33, n. 4, p. 344-358, 1978.
- BOEKAERTS, Monique. Motivated learning: Bias in appraisals. *International Journal of Educational Research*, v. 12, n. 3, p. 267-280, 1988.
- BZUNECK, José Aloyseo. Emoções acadêmicas, autorregulação e seu impacto sobre motivação e aprendizagem. *ETD-Educação Temática Digital*, v. 20, n. 4, p. 1059-1075, 2018.
- BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. Autorregulação da motivação e das emoções. Inter-relações, implicações e desafios. In: FRISON, Lourdes Maria B.; BORUCHOVITCH, Evely. *Autorregulação da aprendizagem. Cenários, desafios, perspectivas para o contexto educativo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 31-45.
- CAMPBELL, Donald T.; STANLEY, Julian C. *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1979.
- CARMO, João dos Santos. *Aprendizagem: Contribuições da Psicologia*. 2012.
- CIELAVIN, Sandra Regina; MENDES, Adriana N. A. A aplicação de tecnologias digitais no canto coral de adultos e suas múltiplas possibilidades. *Revista da Abem*, v. 28, p. 46-64, 2020.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian psychology/Psychologie canadienne*, v. 49, n. 3, p. 182-185, 2008.
- DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da Abem*, Londrina, n. 27, 131-140, 2012.
- FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical. Porto Alegre. 1990 [144 f.] Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

KRAMARSKI, Bracha. Teachers as agents in promoting students' SRL and performance: Applications for teachers' dual-role training program. In: SCHUNK, Dale, H.; GREENE, Jeffrey, A (Org.). *Handbook of self-regulation of learning and performance*. 2. ed. New York and London: Routledge, 2018. p. 223-239.

MASLOW, Abraham Harold. A theory of human motivation. *Psychological Review*, v. 50, n. 4, p. 370-396, 1943.

MAYER, Richard E. Information processing. In: HARRIS, Karen R.; GRAHAM, Steve; URDAN, Timothy C. *APA educational psychology handbook, Vol 1: Theories, constructs, and critical issues*. American Psychological Association, 2012. p. 85-99.

PAJARES, Frank. Self-efficacy beliefs in academic settings. *Review of educational research*, v. 66, n. 4, p. 543-578, 1996.

PANADERO, Ernesto. A review of self-regulated learning: Six models and four directions for research. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p. 422, 2017.

PINTRICH, Paul R. A conceptual framework for assessing motivation and self-regulated learning in college students. *Educational psychology review*, v. 16, n. 4, p. 385-407, 2004.

PINTRICH, Paul R. The role of goal orientation in self-regulated learning. In: BOEKAERTS, Monique; PINTRICH, Paul R.; ZEIDNER, Moshe *Handbook of self-regulation*. Academic Press, 2000, p. 451-502.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*. New York and London: Guilford Publications, 2017.

SCHUNK, Dale. Social Cognitive Theory. In: HARRIS, Karen R.; GRAHAM, Steve; URDAN, Timothy C. *APA educational psychology handbook, Vol 1: Theories, constructs, and critical issues*. American Psychological Association, 2012. p. 101-123.

SCHUNK, Dale H.; GREENE, Jeffrey A. Historical, contemporary, and future perspectives on self-regulated learning and performance. In: SCHUNK, Dale, H.; GREENE, Jeffrey, A (Orgs). *Handbook of self-regulation of learning and performance*. 2. ed. New York and London: Routledge, 2018. p. 1-15.

SCHUNK, Dale H.; MULLEN, Carol A. Self-efficacy as an engaged learner. In: CHRISTENSON, Sandra L.; RESCHLY, Amy L.; WYLIE, Cathy. *Handbook of research on student engagement*. Boston, MA: Springer Science, 2012. p. 219-235.

SWANWICK, Keith. *A Basis for music education*. London: Nfer-Nelson, 1979

WHITE, Marie C.; BEMBENUTTY, Héfer. Teachers as culturally proactive agents through cycles of self-regulation. In: SYMPOSIUM CONDUCTED AT THE BIENNIAL DEPARTMENT OF SECONDARY EDUCATION AND YOUTH SERVICES RESEARCH SYMPOSIUM, 2014, Queens, New York, 2014, p. 1-15.

WOLTERS, Christopher A. Regulation of motivation: Evaluating an underemphasized aspect of self-regulated learning. *Educational psychologist*, v. 38, n. 4, p. 189-205, 2003.

WOLTERS, Christopher A. Self-regulated learning and college students' regulation of motivation. *Journal of Educational Psychology*, v. 90, n. 2, p. 224, 1998.

ZIMMERMAN, Barry J. From cognitive modeling to self-regulation: A social cognitive career path. *Educational psychologist*, v. 48, n. 3, p. 135-147, 2013.

ZIMMERMAN, Barry J. Attaining self-regulation: A social cognitive perspective. In: BOEKAERTS, Monique; PINTRICH, Paul R.; ZEIDNER, Moshe. *Handbook of self-regulation*. Academic Press, 2000, p. 13-39.

ZIMMERMAN, Barry J.; RISEMBERG, Rafael. Self-regulatory dimensions of academic learning and motivation. In: PHYE, Gary. *Handbook of academic learning: Construction of knowledge*. Academic Press, 1997. p. 105-125.